



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ESCOLARIDADE DE USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM FEIRA DE SANTANA/BA

SUELI LAGO PINHEIRO

JOSÉ ROBERTO CARDOSO MEIRELES

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

Diversos autores tem desenvolvido pesquisas para entender o fenômeno do uso de substâncias psicoativas. Entretanto, um aspecto normalmente negligenciado é a escolaridade daqueles envolvidos com o uso destas substâncias. O objetivo dessa pesquisa foi analisar o nível de escolaridade de usuários de substâncias psicoativas em tratamento em um centro de recuperação no município de Feira de Santana/BA. Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana iniciou-se a coleta dos dados através da aplicação de questionário em uma amostra de 29 usuários. A maioria dos participantes (72,14%) apenas concluiu o Ensino Fundamental. Ensino Médio foi informado por sete participantes (24,14%) e um declarou não ser alfabetizado.

Palavras-chave: Substância psicoativa, Escolaridade, Formação escolar

ABSTRACT

A lot of writers have developed researches trying to understand the use of psychoactive substances. However, the level of education among these substances users is normally neglected. The object of this research was to analyze the schooling received by the drug users of one rehab clinic located in Feira de Santana/BA. The data collect begun after the Project was approved by the

Ethics Research Committee from Feira de Santana State University, and consisted on submitting a questionnaire to 29 users. Most part of those who answer it has concluded only middle high school (72.14%). Seven users concluded high school (24.14%) and one did not concluded elementary school.

Keywords: Psychoactive substance, Education, School education

INTRODUÇÃO

Questionar o sentido dado ao ato de educar, ao que nos parece, foi sempre um desafio e ainda nos causa embaraços. Há divergências entre os estudiosos da área acerca do papel almejado pela educação. Seria a educação uma ciência que pode aplicar métodos, supostamente confiáveis, para alcançar determinados objetivos?

Ou poderíamos afirmar que só se pode falar em educação enquanto arte?

Em meio a tantos “labirintos epistemológicos”, a sua importância é inegável. Observa-se na literatura que o seu papel enquanto agente de transformação no âmbito individual ou coletivo é possivelmente determinante. O indivíduo que não possui educação formal é, de certo modo, excluído da sociedade, uma vez que perde a ideia de pertencimento e de cidadania. Embora ela não seja a única forma de educar é a reconhecida profissionalmente e socialmente.

Assim, ainda que não haja consenso no que concerne ao papel da educação, no imaginário da sociedade, ela tem uma importância ímpar, sendo responsável pela inserção do indivíduo no mundo social. Nossas expectativas de futuro, de progresso, implicam planos e perspectivas em torno da educação. Segundo o professor Gadotti (2005), a palavra perspectiva indica “esperança no futuro”, esperança que pode ser traduzida na sociedade através do desejo de pais para com seus filhos, de amigos para com seus pares, de professores para com seus alunos, etc. Construimos a ideia de mundo melhor imbricada à ideia de mundo educado.

O mundo passou e passa por mudanças sempre atravessadas por rupturas, a exemplo dos modelos científicos (paradigmas) que são substituídos por outros. Os séculos XVI e XVII, nos quais se iniciou a revolução científica, marcaram significativamente a história do conhecimento nas mais diversas áreas do saber, tais como: política, ciência e arte. Historicamente a modernidade nos legou a investigação acerca da questão da subjetividade na medida em que se intensificou o estudo sobre a possibilidade do conhecimento responder como a realidade é captada. Assim, a relação entre sujeito e objeto tornou-se centro de investigação filosófica e científica.

Descartes, considerado pai da modernidade, ao apresentar o enunciado do cogito colocou no

sujeito do conhecimento a responsabilidade no que concerne a verdade. A condução correta da razão garantiria, em certa medida, a certeza do conhecimento. O sujeito do conhecimento assume uma atitude ou uma disposição que lhe permite acesso direto às coisas. Entretanto, algumas correntes de pensamento não admitem a possibilidade de investigação do mundo como objetividade sem que o sujeito torne-se também consciente de sua subjetividade, ao reconhecer o outro ele o reconhece em relação a si como sujeito que conhece. O empirismo, por sua vez, ainda admitindo a importância da razão no processo do conhecimento priorizou o aspecto sensível como determinante ao mesmo.

Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida?

De onde lhe provem este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita?

De onde aprende todos os materiais da razão e do conhecimento?

A isso respondo, numa palavra, da experiência. (LOCKE,1991, p. 27)

Inaugura-se assim uma nova ciência, uma nova visão de mundo. Se antes era necessário recorrer a uma autoridade metafísica como garantia do conhecimento, a proposta agora é a de um conhecimento que possa assegurar sua veracidade por experiências objetivas, passíveis de comprovação. O homem, mediante sua capacidade racional, sua habilidade de desenvolver instrumentos técnicos é capaz de interpretar o mundo, tornando-se autônomo. Baseado no desenvolvimento de novas técnicas de observação e experimentação, um novo mundo de objetos físicos que antes não podia ser visto a olho nu mostra-se aos humanos, cujo olhar pode transcender a limitação imposta por sua natureza biológica (FERREIRA, 2012).

A modernidade traz essa consciência de autonomia, de um novo perfil de homem, ainda que tenha suscitado críticas. Um homem que decifra, interpreta e acredita dominar a natureza. A história do pensamento ganha outro sentido, por isso não é mais compreendida como algo dado por forças extranaturais, como foi durante a cristandade, mas sim, fruto da ação e da vontade humana (FERREIRA, 2012, p. 132). Essa nova concepção de mundo não só revolucionou as ciências como também a política. De acordo com Kant (2005), o homem sai de sua menoridade para sua maioridade, ele se emancipa. A confiança na razão, aliada a novas descobertas científicas e ao avanço do sistema capitalista, inaugurou efetivamente um período histórico com contornos distintos nos períodos anteriores e que com seu legado ainda sendo assunto de investigação. O homem torna-se senhor de seu conhecimento, ele se coloca como o desbravador, decifrador do real.

A educação, por certo, não se coloca alheia ao contexto histórico, a visão de mundo aceita. Nesse sentido, o conceito de natureza humana, em se admitindo que exista uma ou negando essa possibilidade, implica o modo e o direcionamento tomado pela educação. O que o homem é, qual a sua posição no mundo são perguntas que temos de fazer no momento mesmo que nos preocupamos com educação (FREIRE, 1997, p. 9). Assim, a educação deve forçosamente situar seu ponto de vista e definir qual a visão de homem que irá adotar, uma vez que essa posição definirá sua aplicação, sua ação.

Segundo Freire (1997), se a visão de homem está atrelada a uma visão mecanicista, uma visão de homem enquanto coisa, a educação terá uma finalidade mais técnica, a ideia de um saber fazer será direcionada para atender as expectativas de mercado, estará relacionada ao trabalho. Se por outro lado, considerarmos essa relação, levando-se em conta sua complexidade; homem individual, que tem suas aspirações, suas emoções, sua subjetividade e homem coletivo, que vive socialmente e se relaciona com outros, a educação teria outro contorno, outra finalidade, conhecida como humanista. Qualquer que seja a concepção adotada, todas estão tratando do homem e de sua humanização.

Fazendo uma pequena digressão, salienta-se aqui a ideia de educação enquanto formação, enquanto formadora. Forma, do latim *formare*, associa-se ao sentido de molde, posteriormente foi tomada mais no sentido de criação, organização (BARBOSA-LIMA; CASTRO; ARAÚJO, 2006, p. 240). Tratando-se forma mais no sentido filosófico, cabe aludir aqui ao conceito grego clássico, especificamente na filosofia de Platão como *eidos*, ideia. Evidentemente que em Platão as ideias pertencem ao mundo da verdade, das formas ideais e o conhecimento tornar-se-ia na realidade rememorar, relembrar. Uma vez que a alma já esteve no mundo verdadeiro e conheceu as formas ideais (PLATÃO, 2000, cap. 7). A educação atuaria mais no sentido de desenvolver as virtudes necessárias para a vida na pólis, para a construção de uma sociedade justa, portanto ética, uma educação da alma. Aristóteles, também defendeu a educação para a cidadania, uma educação que formasse cidadãos, uma vez que a realização plena do homem é na cidade Assim, educar é, na proposta de Aristóteles (2006), educar para a vida política já que o homem é naturalmente um animal político.

Se forma for pensada enquanto molde, enquanto forjar, este conceito assumi na tradição da filosofia da educação um sentido pejorativo na medida em que defende uma espécie de esvaziamento dos conteúdos sedimentados e um preenchimento de conteúdos novos sem considerar entre outros aspectos os conteúdos existentes, recaindo na ideia empirista de entendimento humano enquanto "tábula rasa". Como direcionar a educação para que esta possa considerar o homem em sua totalidade; ser situado e cultural?

O sentido de forma que ora intentamos tratar aqui está mais relacionado com o de transformação (SEVERINO, 2006, p.621). Transformar remete a ideia de mudança que, por sua vez, carrega a ideia de movimento. Assim, educação estaria intimamente relacionada com movimento. Certamente o sentido de movimento aqui aludido recai no sentido de realidade, ao modo como vemos as coisas e seu eterno tornar-se, transformar-se. De acordo com o professor Severino (2006, p. 622), a educação sofreu mudanças ao longo da história, uma vez que o ideal de humanização, ao que nos parece, ideal que se refere a sua finalidade, também mudou.

...a educação, na qualidade de processo de formação humana, foi concebida, buscando ver quais os sentidos que essa formação recebeu ao longo de nossa tradição filosófica, uma vez que ocorreram mudanças nas concepções que os homens fizeram do ideal de sua humanização. (SEVERINO, 2006, p.622).

Neste contexto as questões tornam-se complexas. Hoje o mundo é globalizado. A tecnologia mudou o panorama mundial. As novas tecnologias fizeram a humanidade entrar na era da comunicação universal; abolindo as distâncias, concorrem muitíssimo para moldar a sociedade do futuro, que não corresponderá, por isso mesmo, a nenhum modelo do passado (DELORS, et al. 1998, p.39). Para o mundo digital a relação entre o novo e o velho é volátil. Acompanhar esse movimento requer uma releitura constante dos conceitos, um revisitar o antigo sem, contudo, esquecer a realidade atual, na perspectiva de que não se perca o sentido de humanização, tão necessário à vida em sociedade.

A comunicação global que reduz as distâncias entre povos, que possibilita interação em tempo real, ainda que virtual, entre pessoas de regiões bem distantes, no entanto, não atinge a sociedade como um todo. Existem camadas da população que não possuem e as vezes não conhecem esses avanços. Assim, a ideia de "sociedade globalizada" tem contornos variados. Vivemos uma realidade bastante diversificada. As necessidades, as demandas são múltiplas. Segundo Delors (1998), os sistemas educativos, encontram-se, assim, submetidos a um conjunto de tensões, dado que se trata, concretamente, de respeitar a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, mantendo, contudo, o princípio da homogeneidade, que implica observar regras comuns.

Trazendo a discussão acerca do papel da educação para a realidade brasileira, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos editados pelo Ministério da Educação no final da década de 1990, apontam dentre outras diretrizes, para direcionar o ensino em vista a cidadania, na intenção de que a escola forme cidadãos. Dada a complexidade do conceito de cidadania, a escola enfrenta um conjunto de situações desafiadoras para efetivação desse objetivo, dentre estas o uso

de substâncias psicoativas.

O uso de substâncias psicoativas tem sido alvo de investigação por uma série de motivos, tais como; uso na adolescência, efeitos danosos à saúde e mudanças de comportamento social. Divergências surgem na conceituação do que seja dependente químico, do que se possa considerar enquanto substâncias lícitas e ilícitas, de como estas substâncias modificam, alteram o comportamento e o físico, gerando assim, um problema ético e legal.

O uso de crack, segundo Tuller, Rosa e Menegatti (2007) tem preocupado muito as investigações acerca do uso de drogas. O crack, mistura de cocaína em forma de pasta não refinada com bicarbonato de sódio, é conhecido por ser mais "potente" do que a cocaína. Seu nome se deve ao barulho que faz ao ser queimado. Sabe-se que seus efeitos podem afetar o corpo de modo significativo, não só o corpo como a própria vida social, profissional, cultural do indivíduo.

Neste contexto o objetivo deste estudo foi analisar o nível de escolaridade de usuários de substâncias psicoativas em tratamento em um centro de recuperação no município de Feira de Santana/BA e avaliar a possível relação entre a escolaridade e uso desta substância.

METODOLOGIA

Segundo Gerhardt & Silveira (2009), tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa apresentam diferenças com pontos fracos e fortes. Considerando este fator no delineamento metodológico desta pesquisa enfatizaram-se os aspectos quantitativos e qualitativos, uma vez que o olhar sobre os resultados teve o objetivo de identificar o nível de formação escolar dos indivíduos. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (FONSECA, 2002).

A coleta dos dados foi realizada a partir da aplicação de questionário em uma amostra de 29 indivíduos do sexo masculino usuários de substâncias psicoativas em um centro de recuperação em Feira de Santana/BA. Nesta fase, os participantes foram questionados acerca do grau de escolaridade, situação econômica e moradia. Estes dados foram analisados e comparados com aqueles disponíveis na literatura específica. Os resultados propõem discussão, foco deste estudo. A coleta de dados foi realizada após aprovação de projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CAAE 03351712.7.0000.0053). Todos os participantes foram esclarecidos acerca do teor e objetivos da pesquisa e aqueles que concordaram assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O consumo de substâncias psicoativas é uma prática do ser humano desde os primórdios da humanidade, e a decisão acerca do tipo de droga a ser consumida está baseada em suas necessidades e motivações subjetivas e sociais (Lima e Seidl, 2015, p. 58). O fenômeno da globalização vem contribuindo para a disseminação destas substâncias, comumente chamadas de drogas, em todo o mundo, tornado assim o consumo, de acordo com Botti, Machado e Tameirão (2014), um problema mundial. Guimarães et al. (2008) apontam que dependência química se tornou um problema de saúde pública e que desafia profissionais da saúde devido às dificuldades de manejo e abordagem do problema.

Atualmente há grande variedade de drogas, entre as lícitas e ilícitas circulando pelo mundo e portanto disponíveis a potenciais usuários. Embora as substâncias como o álcool o tabaco se destaquem nos levantamentos epidemiológicos como as drogas mais consumidas e com maiores porcentagens de dependentes, tanto no Brasil, como em outros países, recentemente, o uso de crack tem sido enfatizado na mídia como uma epidemia (MADALENA, 2014, p. 2). Embora atualmente o crack tenha tido este destaque não se pode negligenciar os problemas ocasionados pelo consumo de outras substância. Segundo Carlini et al. (2006) houve um aumento no consumo de substâncias psicoativa, sendo a maconha, os opiáceos e o crack os que apresentaram maior crescimento.

O ambiente escolar não está isento de indivíduos que possam ser usuários em potencial. O consumo de substâncias psicoativas difundidos nas escolas tem preocupado os educadores. O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas (CEBRID) tem realizado inquéritos periódicos com adolescentes escolares em dez capitais brasileiras. Quatro levantamentos nacionais (1987, 1989, 1993 e 1997) mostraram prevalências de uso de drogas (exceto álcool e tabaco) sempre maiores no sexo masculino, quando comparado ao feminino, tendo sido as taxas de 26,8% e 22,9%, respectivamente, em 1997 (TAVARES, BÉRIA, LIMA, 2001, p. 151).

A escola se constitui como o lugar de acolhimento e de desenvolvimento do indivíduo, seja por ensinar habilidades técnicas que lhe permitirão ingressar no mundo do trabalho, ou por desenvolver capacidades para enfrentar a vida em seus aspectos abrangentes, entendendo a dimensão múltipla do homem. Pesquisas acerca do uso de substâncias psicoativas tem um número expressivo, no entanto, parece-nos que a relação entre o uso de drogas e a escolaridade não é um tema explorado e sua importância é inquestionável. Evidenciar as motivações de jovens e adultos acerca do consumo de drogas revela dados significativos para educadores direcionarem seus modelos de ensino. Assim, estudos enfocando os níveis de escolaridade e outros aspectos acerca da educação de usuários podem contribuir significativamente para auxiliar as políticas de prevenção ao consumo de substâncias psicoativas.

Neste estudo que contou com a participação de 29 usuários de substâncias psicoativas a média de idade foi 32 anos e observou-se baixo nível de escolaridade. Vinte e um usuários (72,42%) concluíram o Ensino Fundamental, sete (24,14) o Ensino Médio e um (3,44) não foi alfabetizado. Estes resultados, embora preliminares, estão de acordo com aqueles relatados por diversos autores que também relatam baixo nível de escolaridade entre usuários de substâncias psicoativas. Considerando a grande variedade de substâncias desta natureza disponíveis atualmente, pode-se inferir que nesta amostra pesquisada não houve grande diversificação de tipos. Os participantes com Ensino Fundamental relataram uso de até cinco substâncias (maconha, cocaína, crack, álcool e heroína), sendo o álcool a mais comum (consumida por 90% dos participantes) seguida de maconha (52,8%) crack e cocaína (47,61%) e heroína, referida por apenas um participante. Aqueles usuários que tinham Ensino Médio relataram uso de três destas substâncias (maconha, cocaína, e álcool), entre estes, álcool e maconha foram as mais consumidas (57,14%). Foi comum entre os participantes, independentemente do nível de escolaridade, o consumo de mais de um tipo de substância.

Segundo Garcia et al. (2012), a baixa escolaridade, normalmente observada entre usuários de substâncias psicoativas, pode ser consequência do seu uso precoce o que possivelmente resulta em abandono da escola, elevando, assim, as taxas de evasão escolar. Por outro lado, Garcia et al. (2012), também sugere, que o próprio abandono da escola facilita a adesão ao comportamento de uso de drogas. Embora a escolaridade seja um fator importante associado a este tipo de comportamento, outros fatores estão certamente envolvidos.

A questão se coloca no sentido de como a escola, em meio a tantas demandas, pode lidar com essa realidade. Não se pode procrastinar essa discussão. Pode-se pensar no papel que a escola poderia exercer enquanto preventiva e esclarecedora das implicações do uso de drogas, ou por outro lado, entender que não cabe a ela esse papel. A inquietação surge, no momento em que, tomada enquanto aquela que forma o indivíduo, para a vida social e coletiva se, implicitamente essa questão não já está definida, ainda que organicamente, na medida em que, a construção da cidadania, perpassa por uma consciência crítica de direitos e deveres e de uma consciência de sua responsabilidade consigo mesmo, aquele que tem "cuidado de si".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de substâncias psicoativas tem crescido e os problemas daí decorrentes adquirem proporções bastante significativas, tais como; problemas sociais normalmente relacionados a agressividade, comum aos usuários, problemas com a justiça, provenientes dos meios utilizados

para obtenção da droga, alto nível de desemprego, os atrasos na vida escolar, objeto de estudo desse trabalho, entre outros.

Se, entre outras metas, a educação tem como finalidade formar cidadãos, alertar acerca das implicações de seu uso pode se constituir como uma medida preventiva. A amostra aqui pesquisada apresentou como resultado, no que concerne ao nível de escolaridade dos usuários de substâncias psicoativas um percentual de 72,14% para o ensino fundamental. Revelando um índice alto para a formação educacional em níveis mais elementares. Revisando a literatura, a maioria das pesquisas aponta um baixo índice nos níveis de escolaridade entre os usuários.

Nesse sentido, poderíamos pensar no espaço escolar como uma medida de conscientização das implicações do uso de drogas, na medida em que, ao discutir, apresentar consequências, tais como; danos físicos, psíquicos e sociais que o uso de drogas pode causar e reconhecer que seu uso é uma realidade, que precisa ser enfrentada, o sentido de "humanização do humano", tomado enquanto objetivo e finalidade do educar seria de fato efetivado.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2006. 382 p.

BARBOSA-LIMA, M. C.; CASTRO, G. F.; ARAÚJO, R. M. X. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

BOTTI N. C. L.; MACHADO, J. S. A.; TAMEIRÃO. F. V. Perfil sociodemográfico e padrão do uso de crack entre usuários em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 290-303, 2014.

CARLINI, E. A. et al. *Segundo levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidade do país*: 2005. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Universidade Federal de São Paulo, 2006. 31 p.

DELORS, J. et al. *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da comissão internacional para a educação do século XXI. São Paulo: Cortez; 1998. 281 p.

FERREIRA, E. P. *Filosofia, democracia e autonomia: o pensamento de Cornelius Castoriadis e a formação humana*. 2012. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Apostila do Curso de especialização em

comunidades virtuais de aprendizagem - informática educativa ofertado pela Universidade Estadual do Ceará no período de 30 mar. a 11 mai 2002.

FREIRE, P. Papel da educação na humanização. *Revista da FAEBA*, Salvador, v. 1, n. 7, p. 9-17. 1997.

GADOTTI, M. *A questão da educação formal/não-formal*. Institut international des droits de l'enfant: Sion, 2005.

GARCIA, E. L.; ZACHARIAS, D. G.; WINTER, G.; SONTAG, J. (Re)conhecendo o perfil do usuário de crack de Santa Cruz do Sul. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, v.36, ed. esp., p.83-95. 2012.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p.

GUIMARÃES, C.F.; Santos, D.V.V.; FREITAS, R.C.; ARAÚJO, R.B. Perfil do usuário de crack e fatores relacionados à criminalidade em unidade de internação para desintoxicação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, Rio Grande do Sul, v. 30, n. 2, p. 101-108, 2008.

KANT, I. *Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?*
Vozes: Petrópolis, 2005.

LIMA, H. S.; Eliane Seidl, M. F. Consultório na rua: atenção a pessoas em uso de substâncias psicoativas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 20, n. 1 p. 57-69, 2015.

LOCKE, J. *Pensadores*. Nova Cultural. São Paulo, 1990. 282 p.

MADALENA, T. S. *Usuários de crack: prevalência e perfil de pacientes em tratamento em comunidades terapêuticas (CTS) na cidade de Juiz de Fora*. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz De Fora, Juiz de Fora. 2014.

PLATÃO. *Pensadores*. Nova Cultural: São Paulo, 1990. 191 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006.

TAVARES, F. B.; BERIA, J. U.; LIMA, M. S. Prevalência de uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 2, p.150-158, 2001.

TULLER, N. G. P.; ROSA, D. T. M.; MENEGATTI, R. P. Crack e os perigos de uma viagem sem

retorno. *Iniciação Científica CESUMAR*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 153-161, 2007.

*Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [suelilago@terra.com](mailto:suelilago@terra.com.br)

.br

.

**Doutor em Biotecnologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: jrcmeireles@gmail.com

.

Recebido em: 30/06/2016

Aprovado em: 02/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: